

DIRECTOR-EDITOR
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
 Rua de Alportel, 23 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 20 CENTAVOS

O ALGARVE

Photographia
Brazil
 A melhor e mais bem frequentada
 casa no genero
Retratos d'arte
 Rua da Escola Politecnica,
 141 — LISBOA

Uma carta e o artigo É TEMPO...

Meu presado, amigo:

Fui hoje surpreendido na leitura do seu *Algarve*, pela publicação duma carta do ex.^{mo} sr. J. de Lemos, a quem não posso deixar de agradecer, penhoadamente, os cativantes elogios com que brinda o meu artigo «E' tempo...» e a quem tambem não quero deixar de afirmar, que o meu aludido artigo de minha e alguma poderia estar em concordancia com a revolução do sr. Martins Junior.

Quando o escrevi, tempos antes da sua publicação, ignorava por completo que acontecimentos posteriores lhe emprestariam algumas duvidas, quanto á ideia que quer a expender, e se me fosse dado adivinhar esses factos, creia que lhe poderia que o citado artigo não fosse publicado, sem sofrer as necessarias modificações.

Não desconhece tambem o meu amigo a razão porque o mesmo não se publicou com as minhas ideias, sem com isso querer ou desejar confundir os meus escritos, sempre pobres, com o bom e rico estilo daquele antigo colaborador do seu jornal.

Depois da publicação da citada carta, entendi do meu dever dizer aos leitores do seu *Algarve* e que não me conhecem, quem sou, porque quem me conhece, nunca poderia imaginar que me prestaria a pugnar pelas ideias dos homens que naceram ou tentaram fazer a ultima revolução.

Sou conservador e desejo ardentemente que o meu País seja governado por homens honestos e inteligentes e que se sacrificarem pelo bem da Patria. Tenho os mesmos ideais que tem a maioria dos portugueses. Quero que a Nação prospere, em todas as manifestações da sua productividade e debaixo da orientação de quem sa honradamente mandar. Quero que esta onda de desgraça, não alaste e que não nos reduza á ultima das degradações. Quero finalmente que o nosso País se engrandeça e que todos os portugueses trabalhem para esse engrandecimento, sem preocupações mesquinhas e derrotistas, proporcionando o bem estavel e que a nacionalidade — metropole e ultramar — readquirir o verdadeiro logar entre as demais nações.

Ainda como explicação para o meu pobre artigo, devo dizer aos seus leitores, que o «E' tempo...» era o primeiro duma serie que tencionava publicar aos quaes faltaria poa certo, brilho e intelligencia, mas que teriam o consciante desejo de acertar e o patriotico intuito de convencer.

Agradeço-lhe tambem muito sinceramente, meu amigo, a defeza que se dignou fazer no mesmo numero do seu jornal, quanto ás intenções do meu artigo, e continuo a crer que o mesmo não deixou de estar em concordancia com as directivas de *O Algarve*.

Assevero-lhe tambem que os clamores da Nação não estão representados no gesto de revolta do sr. Martins Junior e que a Nação pretende reagir, para se salvar, mas não pela mão deste mesmo revoltado.

Esta ultima revolta, foi mais uma indicação para os politicos que vêm governando o País, de que vão por mau caminho e representam um sintoma do estado geral da Nação. Continuo pensando que todos os politicos, sejam quaes forem os seus credos, devem abater bandeiras e entregar a direção da nacionalidade a quem de direito, e disporem-se a concorrer com o seu estoço para o bem comum e sob um unico lema: Pela Patria!

Não se realisando isto e tendo em atenção que o espirito de cada um dos nossos compatriotas, está em um latente estado de revolta, não é difícil imaginar, que é sa presentandignação a custo confidencia, ao ouvir o primeiro grito de revolta patriótica, irrompa avassaladora e faça tremer de pasmo a propria Terra!

Grandes exemplos nos dá a historia e confesso-lhe: que ainda tenho Fé nas inatas qualidades da nossa raça.

Será isto uma utopia, mas afirmo-lhe que ardentemente estimo vê-la realisada, se a minha politica não quizer ver claro e não quizer transformar estes seis milhões de almas desgraçadas, num povo feliz, trabalhador, digno e cioso das glórias da sua Patria.

Para se honrar um passado glorioso, é preciso terminar com um presente ignominioso.

E' assim que eu penso. Penso mal? A minha consciencia e o meu entendimento, dizem-me que não. No entanto tenho o desassombro de dizer claramente o meu predominate pensamento, com a franqueza e lealdade propria dum Extremenho que sou, e que me orgulho de ser.

Perdõe-me o meu amigo a massada que lhe cauo com esta tão longa carta, mas nem o seu *Algarve*, nem a maioria dos habitantes desta bela provincia, grande parte seus leitores, me conhecem, e para não fazerem tambem errados juizos quanto á ideia do «E' tempo...», que segundo os invulgaris do ex.^{mo} sr. J. de Lemos «parece indicar o conhecimento previo da ultima revolução, e dos homens huiados que já é tempo de tomarem o governo do país», tinha que me alongar nas suas derações que reputo necessarias.

Abraça-o affectuosamente o seu amigo certo

Jayme P. Pacheco Conceição

Diversas Noticias

Veio apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito agradecemos, o sr. Veriato de Noronha de Castro Cabrita, que ha pouco foi nomeado erg-nheiro da camara municipal deste concelho.

Foi aberto, concurso por espaço de de 30 dias, na capitã a do porto de V. la Real de Santo Antonio, para admissão de pilotos provisórios da mesma barra e porto.

O deputado sr. Souza Garvalho reclamou do governo a isenção de direitos para a exportação de sal de Castro Marim, visto haver ali es e producto em abundancia.

O sr. dr. Raul Toscano Pereira de Revende foi nomeado professor provisório do 3.º grupo do liceu desta cidade.

Foi transferido para Legos o distribuidor de Portimão, sr. José Bento Martins.

O decreto sobre o pão

Entra amanhã em vigor o decreto de 29 do mez findo, que alterou os preços e tipos do pão.

Taxa hoteleira

Os proprietarios e gerentes de hoteis, quando depositarem as importancias da taxa hoteleira ou annual, deverão enviar o triplicado da respectiva guia á Repartição de Turismo. Procedendo assim, os interessados evitam a multa.

Quando se trate de depositos resultantes da applicação da taxa hoteleira o triplicado da guia deve ir acompanhado de uma nota indicando o numero de hospedes que frequentaram o hotel durante o trimestre.

O nosso grande inquerito «à la minute»

O que pensam do Carnaval alguns intelectuais do Algarve

No intuito, que allás sempre nos acompanha, de bem orientar o publico acerca do assunto palpitante da epoca — o Carnaval — resolvemos abrir um grande inquerito *à la minute* entre os intellectuaes do Algarve.

Que foram coroados do mais belo exito os nossos esforços, atestam-no as interessantissimas respostas que nos foram enviadas e que, muito gostosamente nos apressamos a publicar:

«Visto atravez do automobilismo o Carnaval pouco interessa, isto porque, exhibições carnavalescas, depois de convenientemente enfeitadas com as flores e a folhagem propria da estação, tanta vista fazem os velhos como os novos automoveis.

Na quidra que atravessamos já a Sabedoria das Nações aconselhava a semente malmequeres, alecrim de Hamburgo, buxo, belodinas e bonias, mas estas plantas, que se dão excelentemente por toda a nossa provincia, não estão ainda convenientemente desenvolvidas para uma ornamentação capaz.

Deve, portanto, recorrer ás folhas e flores artificiaes que deseja enfeitar qualquer automovel velho ou novo.» *Ferreira Netto*

«O Carnaval, Ah! Sim! O Carnaval, bisonho, brusco, tart-mudo, Contem em si uma essencia asper. E atrai-nos tremoços por um canudo!» *Candido Guerreiro*

«O Carnaval, como a reza, como o paiz, como tudo isto, está em crise, entrou em falencia...»

Só quando o Partido Republicano Radical fôr ao poder é que tudo entrará nos eixos.

Então, como medida de salvacão publica, o poder central no intuito patriotico de bem esclarecer o paiz, limitará o carnaval exclusivamente aos tres dias tradicionais, prohibindo por completo todas as mascaradas fora desse periodo folião.» *Lyster Franco*

«O Carnaval, sendo uma quadra em que o espirito humano habitualmente se recreia, traz muitas vezes certas arellhas aos presidentes dos clubs, e especialmente quando apparecem boias pretas na votação de novos socios.» *Manuel Pedro Guerreiro*

«O Carnaval é uma quadra estúpida que tem resistido á caresta da vida e ás varias *Mozas* de todos os tempos.

Para maior tristeza, basta lembrar-se a gente de que este ano, por azar, o Carnaval começa e acaba á sexta feira!!!» *Manuel Caetano de Sousa*

«Neste Carnaval politico em que vivemos ha tantos anos, quem quizer ser imparcial não pode deixar de confessar que a Cegada Municipal da minha presidencia tem posto uma nota de seriedade em todos os servços do municipio, visando só o bem estar dos cidadãos, sem distincções partidarias.» *José Franco Pereira de Matos*

«O Carnaval é assim uma especie de Jardim Escola João de Deus, que só deve expandir-se entre os doupados e os veludos dos saíões heraldicos. O contrario, só por birra politica.» *Justino de Bivar*

«O Carnaval, pobre velhinho, como eu te vi lá na aldeia, «Enrardecendo» pelo caminho Dizendo «Adeus» á lua cheia Meus amigos Meu grão de bico!...» *Bernardo Passos*

«Eu já disse ao Justino o que penso a respeito do Carnaval. Nas *Cousas Antigas do Algarve* tambem alguma coisa escrevi sobre o assunto. Quem quizer saber pode consultar a collecção do *Sul*, jornal que principiou a sua publicação nesta cidade de Santa Maria de Faro, ás 3 horas e meia do dia de S. Nuncia a tarde de 15 de Janeiro de 1512 da era de Cristo.» *Honorato Santos*

«O Carnaval, s'nfonia em lá menor da tradição que o tempo tem sustentado de ano para ano, pode dizer-se afinal, um bom ensaio de *contra ponto* cujo estudo util e proveitoso a quantos desejem conhecer a estetica da musica e acho convenienter recomendar nesta oportunidade.» *Fernandes Lopes*

«No inquerito sobre as impressões que me deixou o ano findo de 1925, esqueci-me de mencionar as vezes que tomei banho, apaiei os calos e cortei as unhas. Já agora fica para a outra vez! Quanto ao Carnaval dir-lhe-ei, apenas, que ele só me parece uma caricatura do outro tempo.» *José Dias Sancho*

«O Entrudo, esse mais m que não é de todo mau rapaz, pode considerar-se assim com no uma especie de sessão annual da junta geral do districto.» *Rodrigues Aragão*

«No Carnaval adivinha-se sempre uma tragedia, a mesma tragedia que leva muitos desgraçados ao banco dos reus.» *Rita da Palma*

Arde em caçóilas de oiro o Carnaval Evola-se pró ceu cheiro a chamusca! Num friso de heliantos em oval, Falenas poisam sobre um vaso etrusco!» *Emiliano Costa*

«Não sei, nem é facil saber-se quanto custará ao governo o Carnaval; todavia, não seria talvez mau que se mandasse proceder a um largo inquerito a fim de se apurar toda a verdade.» *José Filipe Alvares*

«O Carnaval é da sua natureza anonimo e uma vez que a grande força da imprensa reside, segundo Zola, no anonimato, peço-lhe, sr. redactor, a fineza de não dizer que esta opinião é do» *J. de Lemos*

«O Carnaval, no fim de contas não passa de mas uma exhibição dos filhos da noite.» *Emiliano Ramos*

«Graças ao Carnaval, desde já prometo arranjar uma nova cega da de pullos que ha-de fazer boa figura no proximo numero da *Revista*. E venham anuncios, que o retrato é de graça.» *Cruz Azevedo*

A travessia do Atlantico

Quando foi recebida nesta cidade a noticia da chegada a Buenos Ayres dos arrojados aviadores hespanhoes que tripulavam o *avião Plus Ultra*, a colonia hespanhola fez subir ao ar grande numero de foguetes e iluminou com lampadas electricas a fachada da sua Associação, na rua 1.º de Dezembro.

Na sexta feira á noite, a colonia hespanhola ofereceu a muitos dos seus amigos um jantar no Grande Hotel, tocando durante ele a banda de infantaria 4.

VIAGENS DE ESTUDO...

Da Associação Escolar do Liceu de Pedro Nunes, de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1926.

Sr. Director do jornal *O Algarve*

O vosso jornal de 24 do mez findo insere um artigo, intitulado «Viagens de estudo...», referente á recente excursão dos alunos do Liceu de Pedro Nunes ao Algarve.

Se ele não especificasse o nome do nosso Liceu, talvez deixassemos passar em claro taes afirmações, pois que, carecendo de fundamento, em nada viriam influir, na tranquillidade das nossas consciencias.

Estiando, porem, em cheque os alunos do L. P. N., venho pela presente, sr. Director, rectificar a noticia, pois ella, no que respeita a autores de taes estudos está bem longe de corresponder á verdade.

Todos os anos, os alunos deste Liceu tem feito varias excursões ao Alentejo e Algarve, e, em parte alguma, eies se portaram de modo a enxovalhar o nome limpo da casa onde estudam.

Prova-o a primeira etapa da ultima excursão — a visita a M. n. temór o Novo — onde fomos alvo das maiores provas de simpatia, deixando nessa hospitaleira terra a mais lisongeira impressão — como lisongeiro é sempre o porte de quem se preza ser aluno deste estabelecimento de ensino.

Fo em, em Poatimão juntou-se aos excursionistas um estudante da capital, que, conhecedor das belezas do Algarve, se affereceu para nos acompanhar, o que acciamos de bom grado.

Estávamos, contudo, bem longe de prever o cavilhemismo de tao *amável* cicerone, e, logo que tivemos conhecimento dos actos lamentaveis que aí praucou, não só nos deslçamos dele, como tambem o abrgamos a restituir todos os objectos do seu estudo, *espagando nós aqueles que, pelo prazer de destruição, tinham inutilizado.*

Lamentando profundamente o porte incorrecto de tao insulene companheiro, que, aparentemente comprometeu o nome do nosso Liceu, rogamos a V. a subida fineza de nos informar — se por acaso ha ma s — de algum caso semelhante, a fim de o remediar como o melhor possivel.

Agradecendo a publicação desta caria, somos com a mais elevada consideração

De V. etc.

O Presidente da Direcção

Raul Pinto de Miranda

Temos a dizer aos briosos rapazes que não indagamos se haveria mais alguns estudos *excorsionistas* alem daqueles que apontamos porque não é nessa missão fazer essas averiguações. Apenas nos fizemos eco das varias queixas que por ahí ouvimos.

Não queremos tambem deixar de lhes dizer que sentimos infinitamente a sua falta de *chance* que alem da má fama que conquistaram os obriga a pagar os estudos feitos pelo colega, colega, já se vê, apenas por ser estudante e demais a mais tambem da capital.

O que desejamos é que a lição lhes sirva pelo menos na medida do que lhes custa para que para outra vez não acamaradem com *estudantes* de tal força embora eles saibam tanto das belezas algarvias como aquele sabia.

Aquele era da força de... 50 cavalos.

Dinheiro

Precisa-se 6 ou 10 contos sobre hipoteca de predio. Dá-se 20 por cento de juro. Resposta a P. B.

Postaes affacinhas

FUTURISMO...

AOS MEUS LEITORES :

O salão da Garret áquela hora da tarde estava cheio de gente. Um sel palido de inverno entrava surrateiramente pelas rendas dos cortinados que velavam as largas portas envidraçadas, tirando centelhas esbatidas dos dorados que emolduravam os espelhos e contentando com palidez os marmores das colunas em estudo inconfessavel que, subiam, sustendo o teto.

Uma meia sombra foi descendo a pouco e pouco. A um canto, sobre um estrado, o quinteto tocava americanices...

Os creados passava afadigados, levando sobre largas salvas metallicas, gelados, bolos, chas, doces e vinhos.

Eu, só, olhava, bebia e aborrecia-me...

A meu lado, numa pequena mesa, um rapaz e uma rapariga falavam manso, pausado, levando á boca em gestos harmonicos, compassados, as colheres semi-cheias de doce de marangos.

Analisei.

Ella era *escapatoria*, de faces coloridas e beijos carminados, cabellos oxigenados cortados á *garçonne*, meudos á custó num pequeno chapeu em feltro roxo.

Ele palido, olherento, nostalgico, olhos azues de faiança velha, cabellos frisados, (artificialmente) muito brilhantes de pomadas iuguezas.

Pelo d' minuto espaço que occupavam nas largas cadeiras de braços, adivinhava-se, — facilmente! — serem esqúeleto amfulantes.

Inteessaram-me. Cheguei-me mais na esperança de apañhar qualquer fragmento da conversa; mas, nada, a musica balhurenta tudo abafava.

Perdeu-se, porfim, no ar, a ultima nota do *Fox trot*, e, então ouvi:

Ella

— Meu amigo; foi o momento colossal, em que todo o meu ser vibrou e a minha alma se esfbrou na junção brutal dessa alma eleita, incompreensivel, predestinada, piramidalmente grande, em que sasmombaram os meus sonhos roseos de creança, de mulher e de nada...

Ele

— Sim Gabriela. O nada, o infimo, o esfígico da sua alma vitralizada, foram á causa de todo o abstraccionismo, unico, dessa dôr em que os seus olhos mergulham, vivem e sentem!...

Ella

— O filosofismo com que desafiei a vida e que culpei traidoramente; com o aberracionalismo do sentir falsamente perturbante desse vili-pendioso ser; só a sua...

Não ouvi mais nada. A musica começou tocando. Senti as fronteas latejarem, a custó saquei o meu inseparavel frasco de saes ingleses e respirei; julguei que ia morrer perante tao grande assassinato da adorada lingua portuguesa.

Chamei o creado, paguei e saí. Já fóra, o Chiedo, vivia a hora culminante da elegancia, do falso chic ou do *dandysmo bera*.

Passavam mulheres abonecadas lindamente ondeantes, em tremores gelatinosos, todas lindas no colorido erritante das suas *toilettes* a estenderem-se ao colorido das faces. Rapazes vestidos á americana, julgando-se ingleses e falando á carroceira quando se dirigem amáveis a qualquer senhora. Toda esta fita se desdobrava lenta, caprichosa, salpicada de cores vivas, onde o sol triste de inverno se espargia saudoso.

Em dado momento, nessa arteria luxuosa; onde tudo parece estrangeiro, soou, vibrou no ar, uma fraze rapida, cortante como dois gumes, voltei-me, tinha sido

